

**sobrevivendo no inferno, racismo ambiental:
cultura hip-hop, movimento ecologista e educomunicação**

**surviving in hell, environmental racism:
hip-hop culture, environmental movement and educommunication**

Julia Cristina Neres Santos

Educomunicadora, Designer, Artista e Estagiária
Observatório de Gênero, Raça e Interseccionalidades na Mídia

Escola de Comunicação e Artes
Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1114-8892>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17459207>

Resumo: Este artigo parte da releitura da capa do disco “*Sobrevivendo no Inferno*” dos Racionais MC’s para refletir sobre o racismo ambiental nas periferias da Zona Sul de São Paulo. A partir de uma intervenção com lambes, articulam-se cultura Hip-Hop, ecologia e práticas educomunicativas como estratégias de resistência e reexistência. O texto propõe a pedagogia hip-hop como ferramenta de justiça climática e regeneração simbólica dos territórios, aliando arte, política e epistemologias afro-indígenas.

Palavras-chave: (1) Racismo ambiental; (2) Cultura Hip-hop; (3) Educomunicação socioambiental; (4) Justiça climática; (5) Juventudes periféricas.

Abstract: This article analyzes the album cover of “*Sobrevivendo no Inferno*” by Racionais MC’s to reflect on environmental racism in the outskirts of São Paulo. Through street art interventions, the research links hip-hop culture, ecology, and educommunication as tools of resistance and symbolic regeneration. The article presents hip-hop pedagogy as a means of climate justice and territorial healing through Afro-Indigenous and political perspectives.

Keywords: (1) Environmental racism; (2) Hip-hop culture; (3) Socio-environmental educommunication; (4) Climate justice; (5) Peripheral youth.

Introdução

O racismo ambiental, a cultura hip-hop e a educomunicação são chaves para compreender e enfrentar desigualdades socioambientais. É nesse cruzamento que se insere a intervenção *Sobrevivendo no Inferno – Racismo Ambiental*, criada pela designer Julia Neres na Zona Sul de São Paulo, que articula arte, ecologia e periferia. A obra faz releitura da capa do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), dos *Racionais MC's*, referência que há décadas denuncia as condições de vida nos territórios periféricos.

Nos anos 1990, a região conhecida como “*Triângulo da Morte*”, Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luís, foi considerada uma das mais violentas do mundo. Hoje, esse “triângulo” expressa outras violências: ecocídio, etnocídio e epistemicídio, que seguem em curso.

Este relato tem como objetivo refletir sobre como cultura, comunicação e educação podem se articular para produzir resistências diante do racismo ambiental e da crise climática.

Figura 1 – Intervenção urbana de lambes no Jardim Mirante



Foto: Julia Neres, “Lambes da série *Sobrevivendo no Inferno – Racismo Ambiental*” na Zona Sul de São Paulo.

Sobre a cultura e a pedagogia Hip-Hop

O hip-hop nasceu no Bronx como resposta ao abandono de comunidades negras e latinas afetadas por projetos urbanos como a *Cross Bronx Expressway*, planejada pelo mesmo urbanista que idealizou o metrô de São Paulo, impulsionando a especulação imobiliária nas periferias.

DJ Kool Herc, Afrika Bambaataa, Cindy Campbell e Sylvia Robinson são figuras centrais da cultura, mas o verdadeiro berço do hip-hop é o contexto de racismo ambiental e gentrificação. A pedagogia hip-hop, inspirada nesse contexto de resistência, utiliza os elementos culturais (DJing, MCing, grafite, breaking, beatbox, moda, linguagem, empreendedorismo de rua e conhecimento das ruas) como ferramentas educativas.

Essa pedagogia fortalece vínculos comunitários, valoriza saberes negros e indígenas e promove o engajamento crítico das comunidades na compreensão de suas próprias realidades.

Figura 2 – “Mães” e “Pais” da cultura Hip-Hop



Fotomontagem: Cindy Campbell e Sylvia Robinson, “Mães do hip-hop” ; DJ Kool Herc e Afrika Bambaataa, “Pais do hip-hop”.

Os nove elementos da cultura Hip-Hop e a pedagogia Hip-Hop

A cultura hip-hop é composta por nove elementos: DJing, MC, grafite, breaking, beatbox, moda, linguagem, empreendedorismo de rua e conhecimento das ruas. Cada um deles expressa formas de criação e resistência: da música e da dança à estética, da fala ao modo de ocupar o espaço urbano. Na pedagogia hip-hop e na educomunicação socioambiental, esses elementos funcionam como ferramentas educativas, capazes de dialogar com a realidade das periferias e de inspirar práticas como a intervenção *Sobrevivendo no Inferno – Racismo Ambiental*.

Nêgo Bispo aponta a contracolonialidade como horizonte de valorização de saberes ancestrais. Essa perspectiva se aproxima de Paulo Freire, cuja pedagogia popular também se funda no diálogo, na horizontalidade e no reconhecimento da experiência como base do aprendizado. Nesse encontro, MCs, educadores e artistas atuam como griôs contemporâneos, transmitindo memórias e construindo caminhos coletivos de resistência.

Racismo ambiental

O conceito de racismo ambiental foi formulado por Benjamin Chavis nos anos 1980 e denuncia o impacto desproporcional das políticas ambientais sobre populações não brancas. Trata-se da exclusão sistemática dessas populações das decisões ambientais e da localização preferencial de depósitos tóxicos e indústrias poluentes em comunidades pobres e racializadas.

Um estudo da *Comissão de Justiça Racial da United Church of Christ* identificou que depósitos de resíduos tóxicos e instalações industriais poluentes eram sistematicamente localizados em comunidades não brancas e/ou pobres desde os anos 1980.

Figura 3 - Intervenção urbana de lambes na USP (Cidade Universitária)



Foto: Lambe da série *Sobrevivendo no Inferno – Racismo Ambiental* colado em área de descarte de lixo na Cidade Universitária da USP.

**Figura 3 — Benjamin Chavis em protesto
contra despejo de lixo tóxico nos EUA**



Foto: Na imagem, à esquerda, vê-se a *United Church of Christ*, instituição religiosa norte-americana ligada à promoção dos Direitos Civis. À direita, está o Reverendo Benjamin Chavis durante um protesto realizado em 1983 contra o despejo de lixo tóxico.

No Brasil, Carolina Maria de Jesus, essa realidade já era denunciada por Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo* (1960), que expõe a precariedade da vida nas periferias paulistanas, bem como as vulnerabilidades.

*Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer,
eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me.
E não posso morrer de fome
(Carolina Maria de Jesus 1960).*

Figura 4 - Carolina Maria de Jesus



Fotomontagem: Carolina Maria de Jesus e reportagem escrita pelo jornalista Audálio Dantas e publicada na revista *O Cruzeiro* em 20 de junho de 1959.

Ciências dos desastres e fórmulas mágicas da paz

A ciência dos desastres, segundo Marchezini, entende que os desastres não devem ser vistos apenas como eventos naturais, mas como processos sociais atravessados por desigualdades estruturais. Esse campo de pesquisa mostra que tanto os impactos imediatos quanto os efeitos prolongados, de ordem socioeconômica e psicossocial, resultam de vulnerabilidades historicamente construídas. Mais do que números e estatísticas, o foco está em compreender como diferentes grupos vivem, respondem e sofrem de forma desproporcional diante das catástrofes.

A educação ambiental e climática, portanto, deve ser preventiva e baseada na leitura crítica dos territórios, considerando as desigualdades estruturais que ampliam os riscos socioambientais.

Figura 5 - Equação dos riscos de desastres socioambientais

$$\text{R} = \text{A} \times [\text{V}/\text{C} - \text{M}]$$

The diagram shows the equation $\text{R} = \text{A} \times [\text{V}/\text{C} - \text{M}]$ with labels and arrows: 'Risco de desastre' points to 'R'; 'Ameaça' points to 'A'; 'Capacidade' points to 'C'; 'Mitigação' points to 'M'; and 'Vulnerabilidade' points to 'V'.

Ilustração: Equação mnemônica que sintetiza os fatores envolvidos na ampliação ou diminuição dos riscos de desastres socioambientais.

Figura 6 - Dimensão de análise em justiça ambiental

Dimensão de análise em justiça ambiental
Existe injustiça ambiental baseada em raça e/ou classe quando há mobilização política?

$$\text{D} = \text{x} + \text{raça} - \text{classe} - \text{mobilização política}$$

The diagram shows the equation $\text{D} = \text{x} + \text{raça} - \text{classe} - \text{mobilização política}$ with a label 'Dano ambiental' pointing to 'D'.

Ilustração: Uma das dimensões de análise em justiça ambiental elaborada por Arivaldo Santos de Souza (2015).

A equação de riscos de desastres, proposta pelo Cemaden, expressa a relação entre ameaça (A), vulnerabilidade (V), capacidade (C) e mitigação (M): $R = A \times [(V/C) - M]$. Ela sintetiza a ideia de que o risco não está apenas na ocorrência de um evento extremo, mas na interação entre as condições de exposição, a fragilidade social e a capacidade de resposta. Isso significa que desastres não são simplesmente fenômenos naturais, mas processos em que desigualdades sociais e estruturais potencializam os danos. O campo das ciências sociais em desastres reforça essa compreensão ao destacar que vulnerabilidades historicamente construídas, associadas a contextos de pobreza e exclusão, determinam quem mais sofre e quem mais tem condições de se proteger.

A dimensão de análise em justiça ambiental, elaborada por Souza (2015), amplia esse debate ao indicar que os riscos e benefícios ambientais não se distribuem de forma neutra. O autor demonstra que fatores como raça, classe e territorialidade moldam o acesso desigual a recursos como terra, água e energia, ao mesmo tempo em que concentram impactos negativos em comunidades vulnerabilizadas. Ao relacionar racismo ambiental e justiça ambiental, Souza aponta que a produção do espaço urbano e ambiental no Brasil reproduz desigualdades históricas, fazendo com que determinados grupos usufruam de ambientes mais saudáveis enquanto outros são empurrados para contextos marcados pela precariedade. Essa formulação contribui para compreender a centralidade da dimensão racial na luta por justiça socioambiental.

Sobrevivendo no inferno:

Racionais MC's no cânone e reconhecimento acadêmico

Entre 2020 e 2022, *Sobrevivendo no Inferno* foi leitura obrigatória no vestibular da Unicamp. Em 2025, Mano Brown, KL Jay, Edi Rock e Ice Blue receberam o título de *Doutores Honoris Causa* pela universidade. Esse reconhecimento afirma a relevância da obra como literatura, arte e crítica social.

Como afirma o professor Acauam Silvério de Oliveira, no prefácio do livro *Sobrevivendo no Inferno*, intitulado “O evangelho marginal dos Racionais MC's”:

Progressivamente, Sobrevivendo no Inferno foi sendo reconhecido como uma das grandes obras-primas da música popular brasileira [...] O impacto da produção dos Racionais consiste, sobretudo, em sua extraordinária capacidade de formalização desse novo tipo de voz coletiva que emergia: uma fala da periferia para a periferia, que alteraria de modo radical o cenário cultural do país (ACAUAM SILVÉRIO DE OLIVEIRA).

Esse reconhecimento reabre o debate sobre os critérios que definem o cânone acadêmico e valoriza produções periféricas como formas legítimas de conhecimento. A série *Sobrevivendo no Inferno – Racismo Ambiental* realiza uma releitura da obra original dos *Racionais MC's*, utilizando intertextualidade e elementos semióticos para atualizar a crítica social e ambiental. Ao conectar desigualdades raciais e territoriais à crise climática, a série evidencia como comunidades periféricas sofrem de forma desproporcional os impactos ambientais e têm menor acesso a políticas de mitigação. Por meio da arte e da educação, ela propõe novas experiências e narrativas que estimulam a reflexão crítica e a transformação coletiva.

Figura 7 - Arte da música “Fórmula Mágica da Paz”

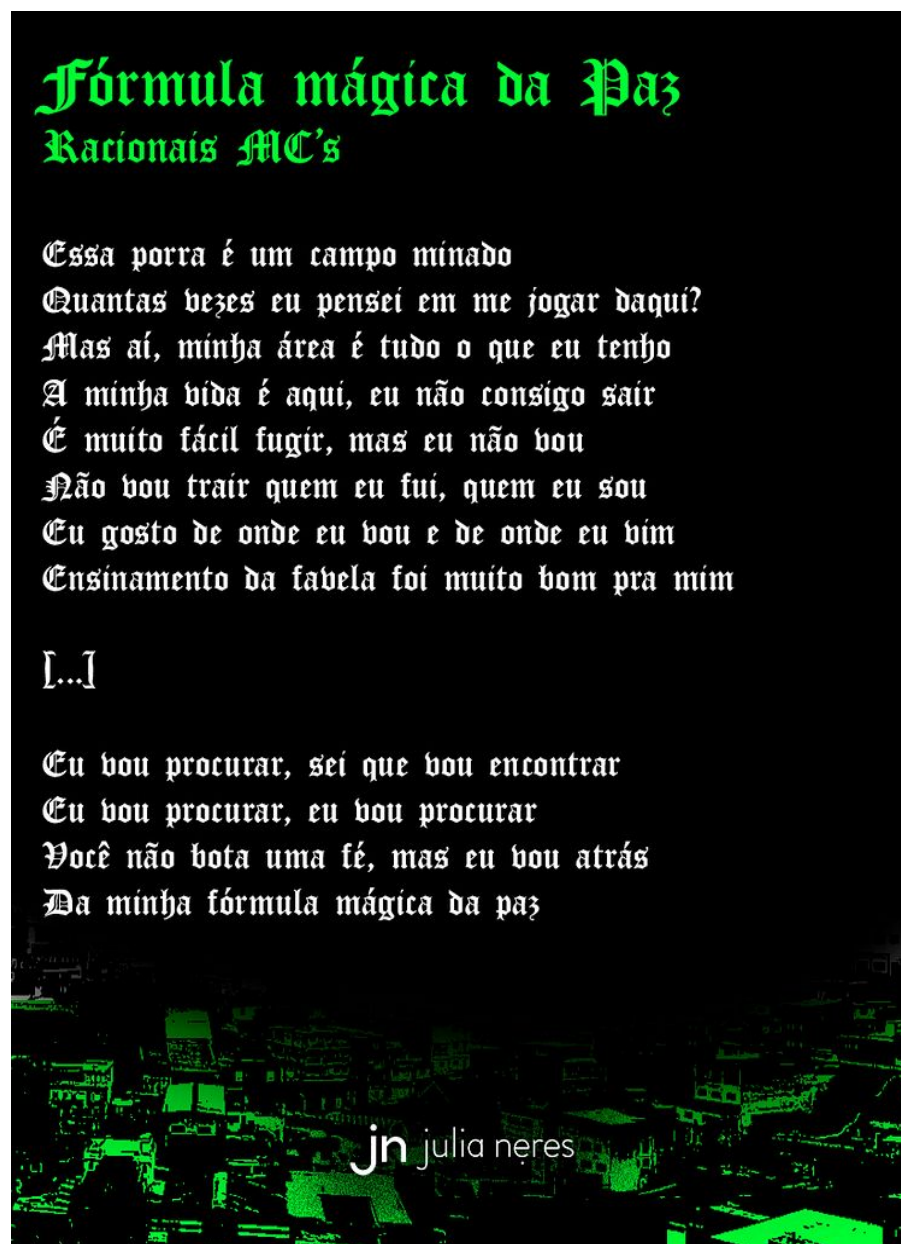


Ilustração: Arte da música “Fórmula Mágica da Paz” do álbum “Sobrevivendo no Inferno” de 1997 do grupo musical Racionais MC’s.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo demonstram que o racismo ambiental se materializa de forma estrutural nos territórios periféricos, onde desigualdades sociais, raciais e territoriais se interseccionam com os impactos da crise climática. A intervenção *Sobrevivendo no Inferno – Racismo Ambiental* realiza uma releitura do álbum dos *Racionais MC's*, utilizando intertextualidade e elementos semióticos para atualizar a crítica social e ambiental da obra original. Essa atualização ocorre na confluência dos saberes periféricos, conforme a perspectiva de Nego Bispo, e das práticas de contracolonialidade, que desafiam os parâmetros tradicionais de produção do conhecimento e da legitimação cultural.

Ao articular arte, cultura e educação, a série evidencia que justiça climática, social e racial são dimensões interdependentes. Reconhecer e legitimar produções periféricas significa ampliar horizontes para uma educação transformadora e para a construção de sociedades mais plurais, democráticas e sustentáveis, em que vozes marginalizadas produzem conhecimento, crítica e estratégias de enfrentamento das injustiças socioambientais.

Referências

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de (S/D). *Projetos de intervenção em educomunicação*.

AGÊNCIA PÚBLICA (S/D). *Bairros periféricos e de maioria negra são os mais afetados por desastres em São Paulo*. Por Bianca Muniz e Matheus Santino. Disponível em: <https://apublica.org/2024/02/bairros-perifericos-e-de-maioria-negra-sao-os-mais-afetados-por-desastres-em-sao-paulo/>. Acesso em: 25/10/2025.

BELMONT, Mariana (Org.) (S/D). *Racismo Ambiental e Emergências Climáticas no Brasil*. Instituto Peregrum.

BRIANEZI, Thaís (S/D). *Zona Franca de Manaus: ame-a ou deixe-a em nome da floresta*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8412337/mod_resource/content/1/Livro_Brianezi_2018.pdf. Acesso em: 25/10/2025.

CEMADEN - CENTRO NACIONAL DE MONITORAMENTO E ALERTAS DE DESASTRES NATURAIS (S/D). *Educação em clima de riscos de desastres*.

DIAS, Cristiane Correia. *Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica*.

ÉNOIS LABORATÓRIO DE JORNALISMO; MOTA, Jessica & PIRES, Carol (Coord.) (S/D). *Manual de Jornalismo & Território: Mudanças Climáticas*.

JESUS, Carolina Maria de (1960). *Quarto de Despejo*. São Paulo.

MBEMBE, Achille (S/D). *Necropolítica*.

MARCHEZINI, V. (2017). “As ciências sociais nos desastres: um campo de pesquisa em construção”, *BIB - Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, (83): 43–72. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/431>
Acesso em: 25/10/2025.

OLIVEIRA SOARES, Ismar de; VIANA, Claudemir Edson & XAVIER, Jurema Brasil (Orgs.) (S/D). *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*.

RACIONAIS MC'S (1997). *Sobrevivendo no inferno* [CD]. São Paulo, Cosa Nostra.

____ (2018). *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo, Companhia das Letras.

SANTANA, Fabio Tadeu de Macedo; MORAIS, Vinícius de & SANTANA, Zeca Borges de Macedo (S/D). *A fotografia da paisagem como dispositivo didático contra o racismo ambiental*.

SANTOS, Antônio Bispo dos (2001). *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília, INCTI/UnB.

SANTOS, Milton (1999). *Por uma outra globalização*.

SOUZA, Arivaldo Santos de (S/D). *Direito e racismo ambiental na diáspora africana: Promoção da justiça ambiental através do direito*.

SOUZA, Kika (S/D). *Mulheres no Hip-Hop: Apagamento Histórico e Outras Violências*.

VICE (S/D). *Os Bastidores da Criação da Capa de 'Sobrevivendo no Inferno', dos Racionais MC's*. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/bastidores-capa-sobrevivendo-no-inferno-racionais/> Acesso em: 30/07/2025.

Sobre a autora

Julia Cristina Neres Santos é educadora, designer e artista. Seu trabalho se desenvolve na interseção entre comunicação, educação e arte, com foco em narrativas visuais e expressão periférica. É estudante de Educomunicação na ECA/USP, onde pesquisa formas de integrar mídia, tecnologia e saberes populares. É integrante *d'O Corre Coletivo*, da zona sul de São Paulo, coletivo que atua a partir das vivências e linguagens periféricas. Atua como social media e designer na *Agência Inspiração 6*, especializada em audiovisual, fotografia, design, jornalismo e redes sociais. É estagiária no *Observatório de Gênero, Raça e Interseccionalidades na Mídia – Lélia* (ECA/USP), projeto que articula ensino, pesquisa e extensão, inspirado no legado de Lélia Gonzalez para fomentar justiça social e epistemologias plurais na comunicação.